



# Confrontando o Território com a Desigualdade Socioespacial da cidade de São Luís-MA/Brasil

Júlia Kátia Borgneth Petrus

**ADVERTIMENT.** La consulta d'aquesta tesi queda condicionada a l'acceptació de les següents condicions d'ús: La difusió d'aquesta tesi per mitjà del servei TDX ([www.tdx.cat](http://www.tdx.cat)) ha estat autoritzada pels titulars dels drets de propietat intel·lectual únicament per a usos privats emmarcats en activitats d'investigació i docència. No s'autoritza la seva reproducció amb finalitats de lucre ni la seva difusió i posada a disposició des d'un lloc aliè al servei TDX. No s'autoritza la presentació del seu contingut en una finestra o marc aliè a TDX (framing). Aquesta reserva de drets afecta tant al resum de presentació de la tesi com als seus continguts. En la utilització o cita de parts de la tesi és obligat indicar el nom de la persona autora.

**ADVERTENCIA.** La consulta de esta tesis queda condicionada a la aceptación de las siguientes condiciones de uso: La difusión de esta tesis por medio del servicio TDR ([www.tdx.cat](http://www.tdx.cat)) ha sido autorizada por los titulares de los derechos de propiedad intelectual únicamente para usos privados enmarcados en actividades de investigación y docencia. No se autoriza su reproducción con finalidades de lucro ni su difusión y puesta a disposición desde un sitio ajeno al servicio TDR. No se autoriza la presentación de su contenido en una ventana o marco ajeno a TDR (framing). Esta reserva de derechos afecta tanto al resumen de presentación de la tesis como a sus contenidos. En la utilización o cita de partes de la tesis es obligado indicar el nombre de la persona autora.

**WARNING.** On having consulted this thesis you're accepting the following use conditions: Spreading this thesis by the TDX ([www.tdx.cat](http://www.tdx.cat)) service has been authorized by the titular of the intellectual property rights only for private uses placed in investigation and teaching activities. Reproduction with lucrative aims is not authorized neither its spreading and availability from a site foreign to the TDX service. Introducing its content in a window or frame foreign to the TDX service is not authorized (framing). This rights affect to the presentation summary of the thesis as well as to its contents. In the using or citation of parts of the thesis it's obliged to indicate the name of the author.



UNIVERSITAT DE BARCELONA



Programa de Doctorado  
Geografía, Planificación Territorial y Gestión Ambiental

**CONFRONTANDO O TERRITÓRIO COM A DESIGUALDADE  
SOCIOESPACIAL DA CIDADE DE SÃO LUÍS-MA/BRASIL**

Tesis Doctoral presentada por  
**JÚLIA KÁTIA BORGNETH PETRUS**

Director de la Tesis: **DRA. ISABEL PUJADAS RÚBIES**

Barcelona – Espanha

Inverno/2013

## P A R T E 2



MARCO TEÓRICO – A CIDADE/TERRITÓRIO,  
URBANIZAÇÃO, POBREZA E SUAS RELAÇÕES E SÃO  
LUÍS NO TEMPO E NO ESPAÇO DESDE A FUNDAÇÃO



## CAPÍTULO III

### CIDADE E EXCLUSÃO SOCIAL

O ar da cidade liberta

*Max Weber*



As cidades têm sofrido grandes transformações da metade do século XX aos dias atuais, sendo que das décadas de 80 em diante as mudanças têm-se acelerado com uma intensidade nunca vista. As inúmeras fontes de estatísticas do mundo comprovam tais alterações. Assim, na metade do século XX, calcula-se que 30% dos habitantes da terra viviam em cidades; nos dias atuais esse percentual já se eleva em quase o dobro e está estimado que nos anos de 2030 serão 70% da população mundial vivendo em cidades. Em relação às cidades brasileiras (Censo 2000) existem 81,2% de brasileiros morando em cidades, quando em 1940 havia apenas 31,3% da população habitando os centros urbanos, ou seja, o Brasil passou de um país rural para um país urbano<sup>20</sup>.

Este capítulo tem como premissa levantar reflexões sobre algumas teorias das cidades, bem como sua urbanização; fazer um breve estudo da história das cidades; dar ênfase a alguns autores estudiosos da cidade e da urbanização; e ainda configurar a influência do Capitalismo nas cidades. E por último a correlação das urbes e a desigualdade socioespacial.

Com a multiplicação das cidades e com o fenômeno da urbanização desenfreada e da Globalização, instalou-se o individualismo, a desigualdade, a pobreza. E até onde *o ar da cidade liberta* o homem? Dar a tão sonhada oportunidade de emprego, de uma melhor vida que a vida do campo, enfim, a felicidade?

### 3.1 Cidades e suas formas de urbanização à luz de alguns autores

A Urbanização se dá quando uma população vai-se instalando e se multiplicando, em uma determinada área, que vai tomando forma de cidade. Ações como a Industrialização e crescimento demográfico, processos com estreita relação, demarcam a formação de uma cidade e seus diversos aspectos econômicos, sociais, culturais, político, etc.

Urbanização vem de urbano e urbano está relacionado à cidade, ou seja, quando se pensa em cidade, pensa-se que são urbanas, assim como se relaciona o

---

<sup>20</sup> Artigo de Clarice Spitz extraído da página de notícias do jornal Folha de São Paulo em 25. de maio de 2007, com o título de "População urbana vai de 31% para 81% em 60 anos, aponta IBGE. Ver link: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u135796.shtml>.

rural com o campo. É no espaço urbano que se encontra as edificações soberbas, os bairros bem estruturados, ruas, estradas, favelas, distritos industriais, lado a lado ou com distâncias pequenas ou mesmo longe, uma favela em um extremo e um bairro luxuoso em outro extremo, contudo, no geral, os espaços são divididos entre todos, mesmo de forma segregada e desigual. A cidade também é como lugar de consumo, de poder, de velocidade, de movimento, de empregados, de desempregados, de rico e de pobre, de analfabeto e de doutor, de doença e de esperança.

As cidades como metamorfoses de aparência e as formas que são habitadas pelas pessoas, com valores também transformados. Privilégio de uns e sofrimento de outros, a cidade é um universo onde se encontram o mundo e a realidade local.

A cidade ao longo desta era de tanta informação tem tomado formas distintas, com novas convivências e novos imaginários e significados. O que faz imaginar-se como serão as cidades do futuro? mais complexas e diversas, ou mais simplificadas e uniformes, ou simplesmente mais compactas?

George Simmel, alemão famoso pelas suas ideias sobre metrópoles e espaços, dentre seus pensamentos, descreve a grande cidade como lugar da *Blassiertheit*, do francês *blasé*, que significa indiferente, invencível, o qual faz alusão ao fato de que as coisas são comercializáveis, compráveis, mesmo o amor. Os cidadãos da urbe apresentam desinteresse pelas coisas que os cercam, pelas pessoas que os rodeiam, com um distanciamento entre as pessoas. Portanto, transitar despercebido em meio à multidão passou a ser uma vantagem da vida urbana. Onde o outro não interessa, e todos são estranhos, estrangeiros entre si (*apud* FREITAG, 2006, p. 20-22).

Para Weber e Simmel a cidade é pensada como um espaço de exercício da Democracia, Liberdade e Modernidade, como espaços de reivindicação de direitos dos cidadãos (*apud* FREITAG, 2006, p. 22-24).

A cidade vai se formando com a chegada das pessoas em determinado lugar, e naturalmente suas construções, como casas, edifícios, ruas, etc. Assim sendo, os espaços e a vida urbana vão-se organizando, com seus significados, odores, sons, movimentos, e vai se formando correntemente a paisagem de uma cidade. Cada cidade tem sua própria singularidade, diversidade, afetividade, enfim, sua própria identidade.



Max Weber dizia que as cidades europeias eram centros que se transformavam em mercados diferenciados e especializados, voltados para a produção e comercialização de seus produtos; eram centros que elaboravam suas próprias leis, que regulavam a vida econômica, social, política e cultural dos cidadãos. Em síntese: ao mesmo tempo sede econômica do comércio e das leis e fortaleza política. Para Max esse poder era ilegítimo e ainda advertia ele da falta de liberdade nas cidades europeias.

Walter Benjamin (*apud* FREITAG, 2006, p. 28-30), um teórico das cidades, espectador das cidades de Berlim e Paris, fez observações singulares sobre a penetração do Capitalismo em todas as esferas da vida – “as mercadorias encontram a forma ideal de se expor nas vitrines, se oferecer ao olhar do consumidor, de se realizar no sentido de Karl Marx, na venda”. Foi nas galerias que Benjamin via perambularem seus personagens alegóricos, típicos, ideais, como a prostituta, o catador de papéis, o jogador, o colecionador, o *flâneur*<sup>21</sup>. Esses personagens são como as mercadorias expostas nas vitrines, representantes do fetiche da mercadoria.

Portanto, as cidades englobam a urbanização. Le Corbusier<sup>22</sup> afirmava que havia uma universalidade científica e procurava quanto à soluções práticas à problemática urbana surgida com mais rigor na sociedade industrial do século XX.

De todo modo, a vontade de viver em uma sociedade perfeita fez com que estudiosos, inconformados com a realidade vista, idealizassem, como por exemplo, o falastério, de Charles Fourier – verdadeiros palácios para o povo, com alguns compartimentos coletivos, contudo preservando os espaços privados. Quando Fourier pensou no falastério, pensou em ferir a velha estrutura de ordem social, onde o povo trabalhador poderia usufruir de uma vida digna, com boa moradia, bem equipada e organizada, voltado para o trabalho coletivo – deveria aquela abrigar 2 mil pessoas.

Jean Baptiste Godin foi o homem que transformou a utopia de Fourier em realidade, construindo o Familistério de Guise<sup>23</sup>. “O Palácio Social não é

---

<sup>21</sup> Um homem na multidão – Um *flâneur* é curioso e vagueia pela cidade sem propósito algum, com um olhar perdido e absorto na trivialidade cotidiana.

<sup>22</sup> Le Corbusier foi considerado o fundador do moderno Urbanismo e autor da “Carta de Atenas” – que é como uma espécie de mandamentos do Urbanismo moderno. A carta é vista como o que há de melhor e pior para o planejamento urbano.

simplesmente um abrigo superior à casa isolada do operário, o instrumento de bem estar, de dignidade individual e do progresso”. Segundo Engles, foi a única experiência socialista que deu certo: funcionou por mais de 100 anos de 1859 a 1968 (*apud* FRITGER, 2002, p.1). Destaca-se quatro aspectos sobre este modelo, conforme Freitag (2006, p. 55 – 56):

1.É possível criar um modelo de cidade/ comunidade ao mesmo tempo político e democrático, no qual a autogestão pode ser realizada pelos operários- proprietários, revelando-se uma empresa economicamente viável; 2. O familistério durou 110 anos (o marxismo soviético somente 70), mostrou ser possível realizar um modelo econômico competitivo que traz benefício aos operários organizados numa espécie de cooperativa; 3. Também antecipa preocupações ecológicas, pouco usuais naquela época, economizando água e reciclando-a; 4. No contexto da globalização, esse modelo não tem fôlego para sobreviver exigindo novas formas de gerenciamento e de investimento competitivo.

O que falta para tratar-se com dignidade o povo que não nasceu em berço de ouro? Não tem culpa de sua condição? Lefebvre faz reflexões sobre a ocupação dos espaços, a organização e mobilidade do cidadão. Vai de encontro à forma de organização dos espaços públicos, que de acordo com ele são autoritárias e repressivas. Ainda ressalta que o Estado tem a incapacidade de lidar com a ordem nos grandes centros urbanos.

(...) a cidade somente será repensada e reconstruída sobre suas ruínas atuais depois de termos compreendido adequadamente que a cidade é o desdobramento do tempo, daqueles que são seus moradores. E é por causa deles que temos de organizá-la finalmente de uma forma humana. (LEFEBVRE, 1974, p.17 *apud* FREITAG, 2006, p.71)

Definir cidade não é tarefa fácil, contudo alguns teóricos e mesmo práticos arriscam pelo menos a um conceito de cidade ideal como Bo Gronlund (*apud* FREITAG, 2006, p.114)

A cidade não é simplesmente um lugar para viver, para passear e levar as crianças para brincar. É um lugar que implica questionar como nos conduzimos moralmente, como desenvolvemos o nosso senso de justiça, como nos comunicamos com as pessoas que diferem de nós e até que ponto estarmos dispostos delas aprender. Em suma: a cidade é o lugar que nos ensina como um ser humano vem a ser humano.

---

<sup>23</sup> Godin estava abalado com a miséria sob a qual a classe operária francesa estava vivendo, originada pelas guerras napoleônicas. Como era um homem de posses, fixou residência e Guise, norte da França e construiu o Familistério – moradia gratuita para cada operário e sua família. Havia todos os serviços, como serviço de limpeza, educação, saúde e para isso eram cobrados 2,5 francos por mês de cada operário. É como se fosse um imposto que se convertia em benefícios.

Pelo exposto, percebe-se a cidade como lugar onde se passam diferentes percepções, diferentes interesses tanto privado como público. Desta forma, também começam os problemas socioespaciais desiguais.

Castells, um estudioso das cidades e do urbanismo europeu, afirma que a nova estrutura arquitetônica espacial das cidades é dual, onde se veem as modificações das relações sociais, com uma tendência ao individualismo, como algo muito comum. Todavia, mesmo assim, foi criada uma rede de relações para está de uma forma ou de outra, conectados uns com os outros; com interesses coletivos, mesmo que esteja isolados socialmente (Castells 1991).

Castells se refere às transformações que o meio informático e de comunicação trouxe à sociedade atual, que é uma forma de segregação, agora com um grau de individualidade, o que poderá desarticular reivindicações.

E ainda sustenta que a sociedade atual se caracteriza pela inclusão em redes e a exclusão gerada pela separação de espaços. Se assim é na Europa, pode-se imaginar que as distâncias entre cidades tradicionais e cidades globalizadas, dentro de uma cidade, são ainda maiores quando se tratar de países da América Latina ou quando se tratar do Brasil. Este por seu tamanho<sup>24</sup> e sua história de colonização<sup>25</sup> já nasceu segregado e ainda permanece. Segundo Castells a entrada da Globalização incita as desigualdades “se vende uma parte da cidade e se abandona o resto” (CASTELLS, 1991).

As ideias de Lefebvre se entrelaçam com as ideias de Castells, quando diz: “a força das metrópoles esta na reinvenção permanente da vida social, não na matemática dos planejadores”, inserto de Lefebvre em sua obra *Direito à cidade*. Frase esta, encontrada em muitos livros, artigos e outros.

---

<sup>24</sup> O Brasil é o quinto maior país do mundo tanto em extensão como em população. O país ocupa uma área de 8.514.876,599 km<sup>2</sup>, possuindo 47% de toda América do Sul e com 192 milhões de brasileiros (IBGE, 2010).

<sup>25</sup> A colonização portuguesa no Brasil foi de exploração. Exploradores e aventureiros chegavam ao Brasil e pegavam o que queriam e voltavam para Portugal. Nossa colonização foi meramente extrativista, e para Portugal só interessava a extração de recursos naturais. Os governos do Brasil (que eram os portugueses) só tinham interesses em administrar a extração dos recursos; não havia uma política de desenvolvimento já que os portugueses não tinham a intenção de ficar. E assim foi por mais de 300 anos. Por sua vez, essa forma de colonizar dos portugueses repercute até hoje em nossa história. Em vários livros de História do Brasil é contado como o Brasil foi colonizado/ explorado pelos portugueses, mas em especial cita-se o Livro História do Brasil de Afrânio Peixoto (2008), que em sua contracapa está as palavras: “Suceda o que suceder, o Brasil será sempre uma herança de Portugal” e de Robert Southey - História do Brasil. Londres, 1819, v. 3.º, c. XLIV, págs. 697.

Henri Lefebvre em sua obra – manifesto publicada em 1968 *Le droit à la ville*, é o pioneiro em conceber o direito à cidade, manifestando seu repúdio à postura determinista e metafísica do Urbanismo modernista. Diz ele: “tem ciência de que os problemas da sociedade não podem ser todos reduzidos a questões espaciais, muito menos à prancheta de um arquiteto”. Esse autor faz duras críticas ao caráter alienante quando toma os problemas urbanos como uma questão meramente administrativa, técnica, científica. Afirma que esse é um meio onde o Estado poderá ordenar e controlar a população, com políticas de dominação, onde o cidadão é mais um objeto que um sujeito nos espaços sociais<sup>26</sup>.

O geógrafo David Harvey<sup>27</sup> também usa a expressão “Direito à cidade”. Diz ele:

Eu tenho trabalhado já há algum tempo com a idéia de um direito à cidade. Eu entendo que o direito à cidade significa o direito de todos nós a criarmos cidades que satisfaçam as necessidades humanas, as nossas necessidades. O direito à cidade não é o direito de ter - e eu vou usar uma expressão do inglês - as migalhas que caem da mesa dos ricos. Todos devemos ter os mesmos direitos de construir os diferentes tipos de cidades que nós queremos que existam. (...) O direito à cidade não é simplesmente o direito ao que já existe na cidade, mas o direito de transformar a cidade em algo radicalmente diferente. Quando eu olho para a história, vejo que as cidades foram regidas pelo capital, mais que pelas pessoas. Assim, nessa luta pelo direito à cidade haverá também uma luta contra o capital.

Na entrevista, Harvey fala das muitas crises financeiras que o mundo tem vivido, principalmente nos últimos 30 a 40 anos. Ele chama de crise financeira do Capitalismo, que, para ele, em sua maioria ocorre na urbanização, ou seja, na propriedade urbana. Refere-se à crise urbana como tipicamente gerado por problemas de habitação. A visão de Harvey é que quase todos os problemas concebidos decorrentes tanto do Capitalismo como da Globalização vão desembocar na pobreza urbana por meio do mercado imobiliário. Confirma-se o que afirma:

---

<sup>26</sup> Ver artigo intitulado “Henri Lefebvre, inventor do direito à cidade” de João Telésforo Medeiros Filho, retirado de um artigo publicado VI Encontro Anual da ANDHEP, Direitos Humanos, Cidades e Desenvolvimento, 16 a 18 de setembro de 2010, UnB, Brasília (DF), em parceria com Gabriel Santos Elias, encontrados nos links: <http://www.fotonblog.com/2011/08/henri-lefebvre-inventor-do-direito.html> [http://www.sistemasmart.com.br/andhep2010/arquivos/13\\_12\\_2010\\_10\\_53\\_34.pdf](http://www.sistemasmart.com.br/andhep2010/arquivos/13_12_2010_10_53_34.pdf).

<sup>27</sup> Palestra proferida pelo geógrafo David Harvey em Belém do Pará no dia 29 de janeiro de 2009. Fez a palestra inaugural do seminário "Lutas pela reforma urbana: o direito à cidade como alternativa ao neoliberalismo", organizado pelo Fórum Nacional de Reforma Urbana na Tenda da Reforma Urbana instalada dentro do Fórum Social Mundial em Belém do Pará. Traduzido por Fernando Alves Gomes.

Além disso, na medida em que eles querem construir condomínios de luxo e casas exclusivas, eles têm que empurrar os pobres para fora de suas terras - eles têm que tirar o nosso direito à cidade. A massa da população que de fato trabalha na cidade não tem condições de viver na cidade porque o preço dos imóveis subiu exageradamente. Em outras palavras, o direito das pessoas à cidade foi subtraído. Às vezes ele é subtraído por meio de ações do Mercado, às vezes por meio de ações do governo, que expulsa as pessoas de onde elas vivem, às vezes ele é subtraído por meios ilegais, violentos, ateando-se fogo a um prédio. O que isso faz é criar uma situação em que os ricos podem cada vez mais exercer seu domínio sobre toda a cidade, e eles têm que fazer isso, porque essa é a única forma de usar seu excedente de capital.

Harvey encerrou sua fala no referido seminário “Lutas pela reforma urbana” em Belém – Brasil em 2009, pedindo que se una na missão de garantir o direito à cidade a todos. Eis que o disse:

Nós temos que, de fato, começar a exercer nosso direito à cidade. E em algum momento nós teremos que reverter o modo como as instituições financeiras são priorizadas em detrimento do povo. Nós temos que nos questionar o que é mais importante, o valor dos bancos ou o valor da humanidade. O sistema bancário deveria servir às pessoas, e não viver à custa das pessoas. (...) Nós temos que socializar o excedente do capital. Nós temos que usá-lo para atender necessidades sociais. Nós temos que nos livrar do problema da acumulação constante dos 3%. (...) Chegamos a um ponto em que não podemos mais de aceitar o que disse Margaret Thatcher, que "não há alternativa", e que devemos dizer que deve haver uma alternativa. Deve haver uma alternativa para o capitalismo em geral. E nós podemos começar a nos aproximarmos dessa alternativa percebendo o direito à cidade como uma exigência popular internacional, e eu espero que possamos todos nos unir nessa missão.

As doutrinas dos três autores (Castells, Lefebvre e Harvey) buscam entender as metamorfoses das cidades depois de um Capitalismo selvagem e da Globalização, os quais segregam a população urbana enfatizando as desigualdades socioespaciais. E ainda tentam encontrar soluções para que todos tenham direito à cidade.

### 3.2 As diferentes cidades e sua urbanização, no espaço e no tempo

Lo que distingue la ciudad de la aldea no es la extensión, no es el tamaño, sino la presencia de un alma ciudadana..." "El verdadero milagro es cuando nace el alma de una ciudad. Súbitamente, sobre la espiritualidad general de la cultura, destácase el alma de la ciudad como un alma colectiva de nueva especie. Y una vez despierta, se forma un cuerpo visible. Y este conjunto vive, respira, crece, adquiere rostro peculiar y una forma e historia interna. A partir de este momento, además de la casa particular, del templo, de la catedral y del palacio, constituye la imagen urbana en su unidad el objeto de un idioma de formas y de una historia estilística, que acompaña en su curso todo el ciclo vital de una cultura (SPENGLER, 1985, p. 131).

É a cidade que transmite a história, a cultura, a memória, a identidade e seus significados, a qual nem sempre coincide com a que era anteriormente, e tampouco com outras cidades, isto é, cada cidade tem suas características próprias no espaço e no tempo. As cidades vão-se metamorfoseando, vai nascendo a alma da cidade, parafraseando Spengler.

#### 3.2.1 As cidades antigas e sua imponência

As primeiras cidades surgiram mais ou menos 5000 a.C, à beira dos vales e dos rios: Nilo, Tigres, Eufrates e Indo. O que se sabe é que esses povos lutavam entre si pelo poder e que tinham funções agrícolas, administrativas, artesanais, comerciais e de segurança. Confira-se esta:

a) Mesopotâmia – surgiram em 2500 a.C as cidades da Babilônia, nas proximidades do Rio Tigre e do Rio Eufrates. A emergência das cidades próximas a rios ocorria por causa da necessidade da produção agrícola e o pastoreio de animais, além do abastecimento de água para beber e para irrigar. E assim começou a urbanização, onde a produção de alimentos aproximava as pessoas, gerando um aumento populacional. Por serem próximas dos rios, seus traçados eram irregulares, tortuosos e circundantes. À medida que a cidade iam crescendo os imperados iam construindo novos e suntuosos palácios, templos, jardins, grandes avenidas e portas monumentais, a exemplo da porta de Ishtar.

A construção das portas, das muralhas e dos grandes Zigurates<sup>28</sup> das cidades da Mesopotâmia eram gigantescas. A maioria das casas eram relativamente simples, construídas com adobe, argila e tijolos e variavam de região para região. Contudo suas muralhas, que serviam para a proteção, e as portas que tinham sentido político e religioso, e de controle da população, eram construções magníficas e glamurosas. Chueca Goitia (2011, p. 58). Referindo-se a Babilônia diz que:

Con esto adquirió la ciudad el aspecto monumental con que nos describe Heródoto, quien con evidente deseo de asombrar a los griegos, exageró una realidad que las excavaciones de Koldewey, han reducido a sus verdaderos términos.

b) Egito – começou a poucos anos a mais de 5000 a.C e foi-se definindo às margens do Rio Nilo. Várias culturas surgiram ao longo dessa margem fértil. A agricultura, assim como na Mesopotâmia, era a principal fonte de alimentos, o maior cultivo era de trigo e cevada.

As cidades eram compostas de construções grandiosas, usualmente fabricadas com pedras, com avenidas largas e vários monumentos religiosos; eram chamadas de cidades – templos ou cidades – palácios. E suas ruas e casas, de acordo com Chueca Goitia (2011, p. 53-54), a exemplo da cidade de Illahun (atual Kahun), o caso mais antigo de organização residencial que se tem conhecimento. Inicialmente planejada para ser um acampamento de trabalhadores das pirâmides. Por isso observa-se linhas retilíneas, onde as casas dos trabalhadores eram organizadas em quarteirões quadrangulares, além de uma gradação de acordo com o ‘nível’ social dos trabalhadores, funcionários e administradores. A saber:

Tenía características bastantes regulares de acuerdo con un trazado geométrico que reunía las pequeñas viviendas en bloques rectangulares, separados por calles muy estrechas que tenían por objeto facilitar el acceso a las diversas células y a la vez servir como atarjeas para la evacuación de las aguas pluviales y sucias. Las pequeñas casas o células estaban constituidas por unas minúsculas habitaciones en torno a un patio cerrado.

---

<sup>28</sup> O zigurate era uma espécie de templos - palácios, torres gigantes, de varias plataformas superpostas, construído pelos assírios, babilônios e sumérios, povos da Antiga Mesopotâmia, que ordenavam toda a vida destas cidades. Os Zigurates eram construídos normalmente num extremo das cidades, não somente porque eram construções posteriores à fundação das cidades, mas também para determinar o novo sentido do crescimento das mesmas. Essa construção tinha o formato de uma pirâmide, porém com a presença de espécies de degrau. Os zigurates possuíam de 3 a 6 andares. Eram construídos de pedra ou de tijolos cozidos ao sol. A entrada era feita através do topo do templo, sendo que o acesso ocorria através de uma rampa espiralada, construída nas paredes externas do zigurate. Sua função religiosa era muito importante, pois os antigos mesopotâmicos acreditavam que os zigurates serviriam de morada para os deuses. Fonte: Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa e Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.

Las había de diversos tamaños, sin duda de acuerdo con la jerarquía de los ocupantes. (...) La construcción no podía ser más pobre: adobe y terrazas hechas de maderas y cañas amasadas con barro.

Assim é descrita essa cidade como uma cidade planejada, todavia, uma cidade segregada.

Outra urbe que também foi planejada no Egito, a cidade de Tell-el-Amarna, tinha suas casas construídas com pedras, com avenidas bastante largas, e estradas com o devido abastecimento necessário à época e comunicação entre os impérios, ou seja, de um lado as casinhas e do outro os impérios e todo *glamour*. Observa-se como Chueca Goitia (2011, p. 55) descreve a cidade de Tell-el-Amarna.

(...) presenta también un trazado rectilíneo y casas acomodadas construidas en piedras.” (...) En cambio, son numerosos los restos de grandes construcciones religiosas que venían a formar verdaderas ciudades-templos, con monumentales avenidas, colosales plazas e inmensas salas hipóstilas, testimonio de la vida de los reyes, nobles y sacerdotes, en Menfis, Tebas y Tell-elAmarna.

Pontue-se que nos grandes santuários havia um rigoroso critério nas formas geométricas, porém,

También con un deseo de adaptación al terreno y con una pretensión de efecto escenográfico que preludia, en el alborar de la historia, lo que serán al correr de los tiempos las grandes composiciones urbanas (CHUECA GOITIA 2011, p. 55).

Pode-se também indicar uma gama de cidades antigas que datam de 5000 a.C, como Jericó (atual Jordânia), como Peloponeso, Creta, Micenas (Grécia), dentre outras, as quais têm certas similitudes em seus traçados de rua e avenidas e em suas pomposas construções de templos, palácios e fortes. Algumas estão alicerçadas de territórios mais acidentados que outras.

c) Grécia – Aqui foram introduzidos novos elementos urbanísticos, onde o povo pôde participar dos assuntos da comunidade e se divertir; daí foram realizadas grandes construções de salas para assembleias públicas, teatros ao ar livre e estádios, para a distração e jogos olímpicos. A Grécia antiga foi marcada por uma cultura urbana e cosmopolita extraordinárias.

No século V a.C surgiu a teoria de cidade ideal para corrigir as deficiências das cidades naturais ou históricas, cuja existência era de séculos atrás. Então, o



arquiteto grego, planejador urbanista, matemático, meteorólogo e filósofo, chamado de Hipodamos, nascido em Mileto, que se poderá considerar “o pai do planejamento urbanístico”, o primeiro a utilizar critérios científicos rigorosos no mundo.

Hipodamos desenha a cidade em quadrícula, com ruas retas cortadas em ângulos de 90 graus. De todas as formas, esse traçado já vinha de outras cidades tanto da Mesopotâmia como do Egito, ou seja, um traçado óbvio para se planejar uma cidade. Hipodamos deu impulso a sua teoria, elaborou planos de cidades como Pireo, Rodas, Turrium, Olynto (Macedônia) e talvez Mileto<sup>29</sup>, sua cidade natal, entre outras. Muitas dessas cidades desapareceram completamente, ou porque foram totalmente reconstruídas depois de guerras, ou porque, quando de sua reconstrução, nada sobrou do passado. Contudo existem cidades que foram inspiradas nos seus princípios, consoante com Chueca Goitia (2011, p. 65):

Sin embargo, nos quedan restos de otras ciudades que sin ser obra directa suya fueran inspirada en sus principios y se cuentan entre los ejemplos más excelentes de urbanística que nos ha legado da humanidad.

A cidade da qual Chueca Goitia se refere é Mileto, a própria pátria de Hipodamos.

d) Roma – Como a maioria das cidades Roma também nasceu às margens do Rio Tibre. Chueca Goitia (2011, p. 69) afirma que àquela época a Urbanização, majoritariamente, tinha ligação com o Capitalismo.

Sabido es que el desarrollo urbano corre casi siempre parejo con los métodos capitalistas, y que, en cambio, los regímenes no capitalista son en general de raíz campesina.

Em vista disso, os aristocratas de Roma (que em sua maioria haviam feito fortunas no Oriente) estavam impregnados com o sistema capitalista que ali dominava. Assim, exploravam a mão de obra dos menos favorecidos, como escravos e imigrantes do oriente, tornando a civilização campesina em civilização urbana e ainda com o surgimento das classes burguesa e a classe dos negociantes.

---

<sup>29</sup> Mileto, cidade natal de Hipodamos, foi arquitetada com fortes indícios da teoria de Hipodamos. “En Mileto el trazado ortogonal se adapta bien al contorno sinuoso del promontorio que penetra en el mar donde se asienta La ciudad (...). En medio, como soldándolo, está el ágora o conjunto de edificios representativos, y el gran espacio del famoso mercado” (CHUECA GOITIA, 2011, p. 66).

Sobre o aspecto urbanístico, as cidades do Império Romano<sup>30</sup> herdaram do período helenístico. Tinham banhos, rede de esgoto, serviços contra incêndio, mercados, etc., também havia Comércio e Indústria, ou seja, toda uma estrutura de cidade.

No seu traçado, poderiam ser vistas características das cidades helenísticas, características hipodâmicas, bem como a delimitação mais original dos acampamentos militares, pois os romanos eram povos organizados e práticos. Eram traçados regulares geométricos, com algumas estruturas irregulares com edificações grandiosas; estas por sua obra já resplandeciam na cidade, como um projeto urbanístico – arquitetônico, esplendoroso, a exemplo da própria Roma com seus foros Romano e Trajano, seus palácios, templos, anfiteatros, coliseu, formando um encantador e mágico conjunto de composições urbanísticas.

Com esta breve reflexão de como nasceram as primeiras urbanizações do mundo, pode-se perceber que a maioria dos traçados iniciais da civilização era construída no centro da cidade, delimitando o poder, e suas ruas ao redor, ou em ortogonal, ou em retângulos, ou quadricular. Sendo assim, pode-se dizer que a cidade dos tempos remotos já nascia segregada, conforme a descrição estrutural de sua urbe.

### **3.2.2 As cidades Islâmicas e sua simplicidade**

Na metade do século VII, mais ou menos os anos 688 e 692, os árabes invadiram as costas do Mediterrâneo. Com a expansão da civilização islâmica e com a queda do Império Romano erigiram cidades novas. E foi mantido o desbravamento de cidades, marcando seu apogeu nos próximos séculos VIII, IX, X, graças a seu grande desenvolvimento pelo Oriente. Todavia, os árabes tiveram que se adaptar a diferentes cidades, até porque não tinham uma cultura própria que pudesse substituir as das cidades conquistadas.

Com a chegada do Islamismo percebe-se visível empobrecimento do território, comparando-se com as notáveis edificações do mundo helenístico e de Roma. As cidades islâmicas são mais simples e toscas, porém, funcionais e

---

<sup>30</sup> Quando se faz referência às cidades do Império Romano, refere-se às cidades conquistadas pelos romanos, como a própria Roma, Alexandria, Lion, Tarragona, Córdoba, Mérida, Pérgamo, Mileto, Petra, etc.

eficazes. Os islamitas justificavam a simplicidade de suas cidades nas leis de seu profeta Maomé, que submetia seus adeptos à pobreza, e esta mesma pobreza para conquistar o mundo (talvez quisesse dizer, conquistar o mundo com humildade). As cidades islâmicas eram menos complexas devido a reduzida atividade social, Não tinham a necessidade de edifícios públicos; e suas ruas eram relativamente homogêneas. Não eram dotadas de ágora, de circos, teatros, anfiteatros, estádios, etc. De tudo conservaram os banhos térmicos, sendo mais modestos e tendo a finalidade de limpeza, contudo depois foi-se convertendo em um lugar de onde se davam as relações sociais.

As cidades islâmicas eram fáceis de ser identificadas e tinham como características básicas irregularidade das ruas, blocos de casas, termas, mercados, mesquitas. Eram cidades de cunho religioso, de caráter privado e sagrado, misteriosa, recôndita, mágica, organismo compacto e fechado. A saber:

ciudades islámicas son tan semejantes en todas las épocas y en todas las latitudes. Por eso la ciudad musulmana es un tipo tan singular y tan característico, sin precedentes a no ser en los arcanos senos del alma oriental (CHUECA GOITIA, 2011, p. 87).

Talvez por serem cidades sem obras faraônicas, despertaram muito pouco a curiosidade de estudiosos do tema, como geógrafos, arquitetos, historiadores e urbanistas.

Sua carência de plano e criatividade no fazer, no planejar a cidade, não ocorria somente por seus povos terem antecedentes fortes da vida nômade, mas principalmente pela limitação religiosa.

E quando se trata de caracterizar as ruas das cidades islâmicas Chueca Goitia (2011, p. 91-93) define que as ruas, que devem ser a cara da cidade, não existem, ou seja, podem ser chamadas de outras coisas, mas não de ruas. Elas eram construídas de dentro para fora, e, segundo esse autor perdiam a função de ser públicas.

La calle, tal como nosotros La entendemos, es algo público que no se admite privatización. Desde el momento que se privatiza ya no es calle, es otra cosa, que es lo que nosotros sostenemos.

### **3.2.3 As cidades medievais e o surgimento da burguesia**

O mundo foi-se transformando. As cidades foram mudando de cara. As cidades medievais têm uma característica própria, que difere das cidades antigas e mais ainda das islâmicas. A sociedade medieval foi essencialmente rural; assim, as cidades foram-se formando pelos entornos rurais.

A necessidade de gerar riqueza levou o homem da Idade Média a viver no campo; ali com terras férteis ele produzia e criava animais. E as cidades, que antes estavam urbanizadas, entraram em decadência, e do ponto de vista político e administrativo, pelo menos por uma época, elas perderam sua influência.

A Idade Média teve início na Europa mais ou menos entre os séculos V e XV, com sua economia alicerçada na zona rural, bem como no enfraquecimento comercial, e na supremacia da Igreja Católica, sistema de produção feudal e sociedade hierarquizada.

Así vemos que, al final de La Edad Media, de la población de Imperio Germánico, que comprendía unos 12 millones de habitantes, solo el 10 o el 15% vivía en las ciudades (CHUECA GOITIA, 2011, p. 107).

O Feudalismo esteve na base agrária e por ele os senhores feudais eram os detentores de vastas terras, com poderes quase absolutos sobre as outras classes que são serviçais desses senhores, submetidos às vontades desses senhores. Outra classe importante era o clero. Este também tinha grande poder, pois era responsável pela proteção espiritual da sociedade, e a última camada da sociedade era formada pelos servos (camponeses) e pequenos artesãos; estes, além de terem as suas produções submetidas aos feudais, pagavam várias taxas, tais como corveia (trabalho de 3 a 4 dias nas terras do senhor feudal), talha (metade da produção), banalidades (taxas pagas pela utilização do moinho e forno do senhor feudal).

A economia da época medieval começou a ter um caráter mais capitalista e a cidade foi-se movimentando em volta desse sistema. Com isso nasceu uma nova cara europeia, com paisagens vivas<sup>31</sup>, ou seja, com gente e animais pelas ruas e

---

<sup>31</sup> A autora se refere à paisagem viva porque nas ruas das cidades da Idade Média, era onde aconteciam os fatos. De dia, as ruas ficavam apinhadas de gente: ferreiros, sapateiros, vendedores de tecido, açougueiros, dentistas. Bastava o comerciante abrir as janelas de sua casa para transformá-la numa banca de mercadoria. Ficavam também cheias de animais: cães, mulas, porcos,

novos significados, “como há dicho muy bien Luis Díez del Corral, un trabajo y vivo tejido humano.” (CHUECA GOITIA 2011, p.105).

O maior distintivo da cidade medieval foi o surgimento da classe burguesa. Colha-se o Jacques Le Goff, historiador francês especializado em Idade Média, em entrevista<sup>32</sup> agrega: “(...) Em primeiro lugar, engendrou o surgimento de uma nova categoria social – a burguesia –, beneficiária das franquias e liberdades urbanas.”. Também Chueca Goita (2011, p. 109) comenta sobre esta classe instigante que é a Burguesia da Idade Média.

Esta sociedad burguesa, que paulatinamente se va desarrollando, es el estímulo de La ciudad medieval. Perenne he dicho que nunca con anterioridad existió una clase de hombres específica y estrictamente urbana que la burguesía medieval.

O feudo se opôs a essa classe, porque eram, dentre outros, negociantes, e estavam sempre em contato com dinheiro, mas os burgueses vieram para ficar, e os senhores feudais tiveram de aceitá-los, e adaptar-se a eles.

Os burgueses começam a ditar normas e regras, e dentre estas, surgiu a necessidade de um sistema de contribuição para realizar as construções que se faziam necessárias, principalmente a muralha de uma cidade.

La necesidad de esta muralla, que caracteriza La ciudad medieval, fue en muchos casos el origen de las finanzas municipales. Rápidamente esta contribución adquirió carácter obligatorio, extendiéndose no solo a la fortificación, sino a otras obras comunes, como el mantenimiento de las vías públicas. Aquel que no se sometía a esta contribución era expulsado de la ciudad y perdía sus derechos. La ciudad, por consiguiente, acabo por adquirir una personalidad legal que estaba por encima de sus miembros. Era una <comuna> con personalidad jurídica propia e independiente. (...) En, cambio, la ciudad europea occidental de La Edad Media se siente a si misma como ciudad antinobiliaria, como sede del estado llano o *tiers état* (CHUECA GOITA, 2011, p. 109 e 115).

---

cavalos, galinhas, Às noites, eram silenciosas e muito escuras: não havia iluminação pública. Era comum o toque de recolher decretado pelas municipalidades, como prevenção contra assaltos e assassinatos. Nas cidades medievais ocorriam castrações, enforcamentos e amputações, e a população se aglomerava para assistir aos espetáculos de castigo. Muitas vezes os criminosos eram arrastados pelas ruas numa carroça e torturados antes da execução pública, sob o burburinho e os gritos da plebe.

<sup>32</sup> Entrevista realizada por François Giron e publicada originalmente na revista Le Point, nº duplo 1684/1685, de 23 a 30 de dezembro de 2004, com o título "as cidades medievais estão na gênese do estado moderno" e com a seguinte introdução: “Jacques Le Goff, professor universitário e medievalista é considerado, merecidamente, um dos mais importantes historiadores da atualidade. Munido de sua paixão pela Idade Média, ele lança aqui um novo olhar, indagador e profundamente humano, sobre o período”.

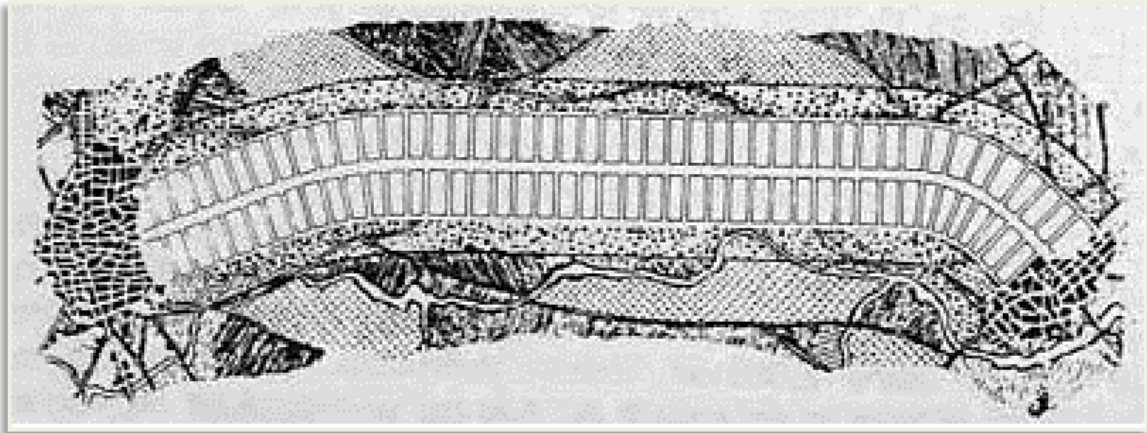
Sob esse fundamento, pode-se dizer que a burguesia combateu a nobreza, combateu o Feudalismo, e tudo parecia que fazia aquele povo se sentir mais livre, e usufruir melhor os espaços de sua cidade, mesmo com implantação de taxas e estabelecimento de normas jurídicas, até porque a cidade foi planejada para proteger o território e as pessoas.

E quanto ao aspecto físico da cidade medieval, destaquem-se as grandes muralhas com torres de vigilância, edifícios, jardins, mercado e igreja. A praça do mercado situava-se normalmente no centro da urbe ou junto à rua principal, e encontrava-se rodeada de edifícios de quota mais ou menos igual, com galerias por baixo. Essa praça poderia ter diversas formas: triangular, oval e/ou quadrada. Em frente da igreja também havia uma praça que servia para a reunião dos fieis, e também era onde estes apeavam seus cavalos.

Na sua maioria o traçado das ruas eram irregulares e tortuosos, porém, as ruas eram organizadas de modo a formar um espaço unitário, no qual sempre é possível orientar-se e ter uma ideia geral do bairro ou da cidade. Em geral, as ruas mais importantes partiam do centro até a porta da entrada da cidade, de forma radial. As outras ruas, as secundárias, uniam-se às ruas principais, formando um círculo ao centro. Esta forma os urbanistas, arquitetos chamam de **radioconcêntrico**. Apesar de esse traçado de rua ser mais evidente na maioria das cidades medievais, não foi o único. Citem-se algumas outras: **Cidades lineares**; constituídas por uma linha para juntar dois centros urbanos (Figura 3.1); **cidades cruciales**; são duas ruas principais que se entrecruzam; **cidades nucleares**; partem de algum ponto central importante, como a casa do governo, a igreja; **a cidade binuclear**; está em volta de dois pontos-chave; **cidades espinha de peixe**; uma rua principal e desta saindo várias secundárias e as **cidades acrópoles**.

Inúmeras são as cidades europeias fundadas na Idade Média. Refiram-se algumas sem ordem de importância: Veneza, Bruges, Bolonha, Nuremberg, Florença, Segovia, Cuenca, Toledo, etc.

Figura 3.1 - Desenho de uma cidade linear no final do XIX, do espanhol engenheiro e urbanista Arturo Soria.



Fonte: <http://pt.scribd.com/doc/73484624/Cidade-Linear-Arturo-Soria-y-Mata>

### **3.2.4 As cidades Renascentistas e sua utopia**

O período renascentista é, sobretudo, um fenômeno urbano sobressalente do norte da Itália. Alguns autores dizem que esse período brotou na cidade de Florença, que paulatinamente substituía a arte gótica. E ainda as cidades: Ferrara, Milão e Veneza, todas resultado de grande expansão econômica e demográfica. Os principais traços do Renascimento foram a valorização das formas clássicas da Antiguidade greco-romana e a preocupação com a vida profana, o Humanismo e o indivíduo, passando a existir a possibilidade de ascensão social e econômica.

O Renascimento foi antes de tudo um movimento intelectual que transformou a Arquitetura, movida pelos estudos humanísticos, estudo da restauração da Antiguidade, ou seja, de alguns monumentos, edifícios, ruas e até cidades, e ainda analisando suas ruínas clássicas. Leia-se a respeito:

el hombre del Renacimiento algo que no tiene edad porque representa un absoluto, un ideal inaccesible y siempre valido. (...) Posiblemente una prueba de lo que decimos la tenemos en la enorme riqueza y variedad de la arquitectura renacentista, en contraste con la pobreza y falta de ingenio de las realizaciones urbanísticas. Para sustentar su obra interpretativa-creadora los arquitectos renacentistas tenían todos los monumentos de la antigüedad romana a su alcance. Podían medirlos, dibujarlos, considerarlos y en muchos casos reconstruirlos idealmente, ya era una ventaja la ruina de muchos para espolpear su imaginación (CHUECA GOITA, 2011, p. 128-129).

As cidades renascentistas eram cidades que se baseavam no tratado arquitetônico Vitruviano<sup>33</sup>, cuja planta era octogonal rodeadas de muralhas. Tinha uma preocupação com os ventos, onde a defesa aos ventos era de suma importância no momento de projetar algo; portanto, cada parede de muralha deveria se pôr ao vento. O desenho da cidade não poderia ser quadrado e tão-pouco formada de ângulos não muito evidentes, porque se, ao contrário, ângulos evidentes, não seriam próprios para a defesa da cidade, pois de longe o inimigo já identificaria a cidade. As torres deveriam ser redondas por resistir melhor a golpes, jamais quadrada, porque quadrada seria facilmente rompida pelos seus cantos.

Quanto às ruas, estas foram pensadas dentro de octógono, em quadras, de forma que não deveriam coincidir com os ventos principais, a máxima preocupação deste urbanista.

Esse foi um período teórico, um período utópico, onde as construções das cidades ficaram desenhadas, sem sair para realidade, até porque, para se modificar as muralhas, ter-se-ia de que modificar os homens,

(...) a cidade é o espelho e a dimensão do homem. A organização social passa a ser uma preocupação dos urbanistas, colocando o ser humano no centro de suas construções, e sonham em torná-los idênticos: que a uma cidade sã e racional corresponda um novo homem! (BERRIEL, 2004, p. 1).

Pode-se dizer que, a partir de então, apareceram os teóricos do Urbanismo, ou como foram chamados pelos historiadores, os utópicos do Urbanismo. Para Berriel, se as cidades do momento renascentista foram pensadas, desenhadas e descritas como ideias para o homem morar, por que não poderiam ser construídas nos dias de hoje? Pois esses urbanistas sugeriram cidades melhores e mais humanas para se viver. Far-se-á, a título de ilustração, uma breve indicação de alguns autores e suas cidades utópicas.

a) Leon Battista Alberti, arquiteto, humanista, matemático, poeta, de origem italiana, ocupava-se dos problemas urbanos em sua obra *De re aedificatoria* em dez livros, uma obra de fundamental importância para a teoria estética da arquitetura renascentista. “Na sua cidade, as classes são distribuídas em bairros diferentes, as

---

<sup>33</sup> Marco Vitruvius Polio (70 – 25 a.C), engenheiro militar, agrimensor, pesquisador, arquiteto e urbanista romano, que escreveu o Tratado de Arquitetura, obra de estudo e de referência inevitável, dedicada ao Imperador Augusto, e que influenciou as concepções estéticas renascentistas (CHUECA GOITA, 2011).



ruas são reservadas para determinados ofícios, são previstos asilos para os pobres” (BERRIEL 2004, p. 2);

b) Antonio Avelino, o Filarete, o florentino, grandioso em seu projeto; ele desenhou uma cidade chamada de Sforzinda, uma urbe para transformar o homem<sup>34</sup>, a qual está detalhada em Berriel (2004, p. 3)

c) Leonardo da Vinci. Este também deixou um modelo de cidade urbanística perfeita, que por si só é utopia, porém poderia ser aplicada na realidade<sup>35</sup>.

d) Thomas Morus, escreveu *Utopia*. É uma obra onde está inserido todo o seu repúdio à forma de viver burguesa da Inglaterra no começo do século XVI, como também remete a uma análise profunda das singularidades inerentes quando da decadência do Feudalismo. Assim, Berriel (2004, p. 3-4) descreve detalhadamente a cidade utópica de Tomas Morus, sendo Amauroto, a capital da ilha utópica.

Em Utopia existem 54 cidades, perfeitamente idênticas, construídas com base no mesmo projeto e compreendendo edifícios iguais, tanto que é suficiente descrever uma só para conhecer-se todas. Amauroto é a capital da ilha. Circundada de muros, atravessada pelo rio Anidro, é limpa, salubre e alegrada por graciosos jardins. O sistema político é democrático e parlamentar. A célula de base é a família camponesa composta de 40 membros; existindo 6 mil famílias em cada cidade, a população da ilha atingirá 13 milhões de habitantes. A propriedade privada é completamente ausente. Cada cidade é circundada de terras cultivadas pelos cidadãos que têm a obrigação de fornecer à comunidade dois anos de serviço agrícola, independentemente do ofício que pratiquem. (...). Cada cidade é dividida em quatro bairros, e possui mercados nos quais os chefes de família se abastecem do necessário sem precisarem recorrer à troca ou ao dinheiro. Os alimentos são consumidos em comum, segundo disposições imutáveis; velhos e jovens sentam-se uns ao lado dos outros, afim de que a severa sabedoria dos anciãos inspire os jovens; a refeição é precedida por uma leitura moral. Isto contribui para formar uma comunidade pacífica e fraterna, da qual foi removida até o mínimo motivo de rivalidade. Nos hospitais, eficientes e abertos a todos, é praticada a eutanásia nos doentes e nos velhos que a requerem. O adultério é punido com a escravidão ou com a morte. Os escravos são aqueles que transgridem as leis, os prisioneiros de guerra e os trabalhadores braçais pobres das regiões vizinhas: esses são bem tratados, mas ficam acorrentados e condenados aos trabalhos forçados; não constituem em realidade uma classe social porque os seus filhos nascem livres. (...) Morus escolheu um tipo de economia fundada essencialmente sobre a agricultura.

<sup>34</sup> Para mais detalhes ler BERRIEL, C. E. O. "Uma utopia do *cinquecento*: "Mondo savio e pazzo", de Anton Francesco Doni". In *Remate de Males* n. 22, IEL-Unicamp, 2002, página 3.

<sup>35</sup> Ainda ler "Cidades Utópicas do Renascimento" de Carlos Eduardo Ornelas Berriel - *Ciência e Cultura* - vol.56 nº.2  
[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252004000200021&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252004000200021&script=sci_arttext)

Berriell continua descrevendo minuciosamente a cidade de Tomas Morus<sup>36</sup>. E ainda Morus que tem sua obra publicada depois de sua morte, por seu grande amigo Erasmo, revelada através de cartas privadas.

a repugnância que sentia pela vida parasitária e faustosa da corte: “Não podes avaliar”, escrevia-lhe, “com que aversão me encontro envolvido nesses negócios de príncipes; não há nada mais odioso que esta embaixada”... Referia-se à embaixada diplomática enviada pelo Rei da Inglaterra a Flandres a fim de resolver um dissídio surgido entre este país e o príncipe Carlos de Castela. (...) Utopia” representa a primeira crítica fundamentada do regime burguês e encerra uma análise profunda das particularidades inerentes ao feudalismo em decadência (MOURUS, 2001, p. 1).

Muitos outros poderiam ser mencionados, porém, pelos já citados, pode-se idealizar o que foram as cidades renascentistas, que de tudo pouco foi arquitetado por estes notáveis pensadores, intelectuais e utópicos. Contudo, algumas cidades com herança romana e medieval foram adaptadas a esse novo pensamento, a exemplo de Florência, Roma, Paris, Londres, Budapeste. Mas, de tudo, nasceu uma cidade inteiramente renascentista chamada Palmanova<sup>37</sup>.

Por conseguinte veem-se algumas características principais e básicas das cidades renascentistas: muralhas que viraram ruas e avenidas; construções extraordinárias de palácios, igrejas, praças, avenidas, jardins públicos. As igrejas são construídas isoladamente, para dar destaque. Seu traçado era irregular em lugares planos.

Em meio a tanta utopia, foram-se descobrindo as Américas, de terras virgens, e um cenário de possibilidades reais para a utopia se tornar realidade, Nasceram as cidades de Santo Domingo<sup>38</sup>, Havana, Guatemala, Campeche, Panamá e outras.

Todavia, mesmo com as transformações, as cidades do Renascentismo seguiram sendo as urbes medievais, vistas, sobretudo como um espaço político e de decisões de grande importância e dimensão.

---

<sup>36</sup> Também ler a obra completa de Thomas Morus, Utopia. ebookLiibres. Ridendo Castigat Mores (2001) <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/utopia.html>.

<sup>37</sup> Cidade bela, próxima a Veneza com um traçado radial geométrico. A cidade é um polígono de nove lados com seis praças dispostas em três eixos.

<sup>38</sup> Primeira cidade americana, com características renascentistas, fundada em 1496.

### **3.2.5 As cidades Barrocas e suas capitais burocráticas**

O traçado das cidades barrocas também pouco diferiu do traçado das cidades clássicas, contudo, ganhava mais riqueza, movimento e soberba. Continuaram a existir as extraordinárias praças e jardins com seus traçados radiais, mas com um nível maior de informações e sua coleção de obras mais copiosas. Em vista disso, a cidade barroca é uma contemplação para os olhos de qualquer um, pela dimensão de sua riqueza.

Não obstante, a cidade segue tendo seu traçado burguês, com pomposidades nas suas formas, ou seja, ela foi construída para uma classe, esquecendo o ser humano na sua essência. Pelo contrário, a cidade barroca atendia tanto à aristocracia por sua grandiloquência nas suas formas (expressão de poder, ordem e controle) como também os interesses burgueses referentes ao socioeconômico, assim diz Chueca Goitia (2011, p. 157-190).

O Barroco teve seu impulso no século XVII a meados do século XVIII, contudo mesmo antes, o Barroco já vinha-se impondo, visto no esplendoroso projeto de Gian Lorenzo Bernini, desenhado para a Praça de São Pedro no Vaticano/Roma no século XV.

O Estado nacional foi-se transformando, de sua estrutura agrária, a um Estado nacional moderno, trazendo um desequilíbrio na distribuição da população, ou seja, a grande cidade como elemento político e social decisivo. Sendo assim, o Estado migratório estava de um lado para outro, com toda gama de papéis, de correspondências, junto com os seus ministros, servidores e instrumentos de governo, o qual se estava tornando cada vez mais difícil, pelo volume e pelo risco que corriam nesses traslados de gente e documentos. Assim surgiu a capital.

Era necesario, por consiguiente, crear un instrumento burocrático impersonal y delegar en una forma o en otra la autoridad. El resultado fue una burocracia permanente que tenía su asiento en una corte permanente; sus archivos, sus cancellerías, sus tribunales, etc., en unos edificios permanentes. Y así surge la capital con concepto de tal; la capital, que es una creación enteramente moderna, una creación que podemos llamar barroca, dando a este término la amplitud que usualmente se le asigna en el terreno de la cultura (CHUECA GOITIA, 2011, p. 159).

Então, existiu uma forte relação entre a cidade barroca, o Urbanismo, a Política e a Economia, como pontua Mumford (1982, p.140-141).

Por tanto, cesó la multiplicación de las ciudades. No se construían ciudades para una clase creciente de pequeños artesanos y mercaderes; la ciudad dejaba de ser un medio para conseguir la libertad y la seguridad. Era más bien un medio para consolidar el poder político en un solo centro directamente bajo la supervisión del rey e impedir todo desacato a la autoridad central desde lugares lejanos que por esa misma circunstancia era fácil gobernar. La época de las ciudades libres, con su cultura bastamente difundida y con formas de asociación relativamente democrática, cedió el lugar a una era de ciudades absolutas, centros que crecieron sin orden alguno y que dejaban a otras ciudades en la alternativa de aceptar el estancamiento o de imitar sin recompensa alguna a la capital todopoderosa. La ley, el orden y la uniformidad son productos esenciales de la capital barroca; pero la ley existe para confirmar el estatuto y asegurar la posición de las clases privilegiadas; el orden es un orden mecánico, que se basa no en la sangre, la vecindad o propósitos y afectos comunes, sino en la sumisión al principio regente; y en cuando a la uniformidad, es la uniformidad de los burócratas, con sus archivos, sus expedientes y sus numerosos procedimientos para regular y sistematizar la percepción de impuestos. Los medios externos para hacer obligatoria esta modalidad de vida se basan en el ejército; el brazo económico es la política mercantil y capitalista, y sus instituciones más típicas son el ejército, la bolsa, la burocracia y la corte. Todas estas instituciones se complementan recíprocamente y crean una nueva forma de vida social: la ciudad barroca.

Nesse período voltou a empolgação e domínio da nobreza. Um exemplo característico desse poder foi a cidade de Nápoles, como bem descreve Chueca Goitia (2011, p. 163-164);

Uma corte centralizadora, com uma burocracia gisgantesca y complicadísima, jurisperitos, abogados, escribanos, toda La cúria que pulula em estos centros burocráticos, llenaban la ciudad. Al laso de la corte de los nobles y de los curiales, um inmenso pueblo de lacayos, domésticos, ínfimos menestrales y parias de toda laya, que formaban el más bajo escalon social, alimentado por una raza prolifica en un clima benigno. En ciudad como Napoles, la diferencia de clases debia ser enorme, sin grados intermediarios.

Mais cidades seguiram o exemplo de Nápoles, como Madrid, Lisboa, Hamburgo, Amsterdam, Paris. Conforme Lavoisier, (citado por SOMBART, p. 55) *apud* Chueca Goitia (2011, p. 167) “Da arrecadação francesa, aproximadamente 9% vinham da exportação e comércio, 53% provinham de ajuda da dívida pública e dos salários, 38% das rendas territoriais e de empresas estrangeiras”. E aí se encontrava o grande problema, pois Paris era quem usufruía todas as benesses. Lavosier chegou a conclusão de que de tudo se consumia. Paris dava menos de 10% do seu esforço, quase sem nenhum trabalho, o restante quem pagava era toda a nação. Este exemplo é para demonstrar a insatisfação que foi gerada na época pelas outras cidades que não eram capital, as quais se sentiam exploradas e vítimas da capital.

A análise anterior é para compreender-se a volta da nobreza com a sua forte estratificação. Que atrás de todo um cenário de glamour, com seus príncipes e seus palácios, de suas estátuas, igrejas fabulosas, também existiam outras empresas para atender ao desejo social, como os hospitais, hospícios, escolas, bairros ou conjuntos habitacionais, lugares para passeio e encontro das pessoas, institutos de ensino cultural, trabalhos manuais, pontes, etc.

No feedback para entenderem-se os traçados do Urbanismo clássico<sup>39</sup>, observe-se alguns principais elementos, típicos da Europa nos séculos do auge do urbanismo barroco, XVII e XVIII: 1) maior liberdade nos traçados de bases renascentistas; 2) grandiosidade, monumentalismo, magnificência na criação cidade espetáculo, visto pelo alargamento de vias e extensos espaços públicos; 3) combinação arquitetônica baseada no ritmo, na simetria, na dominância de massas compactas e aspecto majestoso e consistente das obras, bem como seus jardins exuberantes; 4) são abertas ruas, avenidas em forma radiais, com modelos geométricos e a retificação de canais, fontes e espelhos de água. É vista a paisagem humana, obtendo um espírito arquitetônico alinhado a um cenário fabuloso; 5) e por fim e redundantemente fantásticos, eram enorme a arquitetura urbana barroca formada pelos palácios, igrejas, monumentos e outras construções esteticamente belas aos olhos humanos.

### **3.2.6 As cidades industriais e a desumanidade**

A Revolução Industrial chegou com muitas outras mudanças, a exemplo da Agricultura, com o acelerado êxodo rural; nos meios de transportes e de comunicação; e mais ainda: a modificação em âmbito dos pensamentos econômicos e sociais, transformações culturais e tecnológicas.

A Revolução Industrial, como é sabido, tem seu começo na Inglaterra, na cidade de Manchester no final do século XVIII e começo do século XIX.

Antes a economia estava centrada no trabalho manual, formada pelos artesãos; e as indústrias têxteis estavam situadas ao longo dos canais fluviais, não estando dispersas, mas repartidas longitudinalmente. A mecanização das indústrias

---

<sup>39</sup> Para um europeu a palavra clássico é equivalente ao Barroco.

têxteis, a expansão do Comércio, surgindo o desenvolvimento e expansão das rotas de transportes, nascendo as ferrovias. Uma das maiores invenções tecnológicas foi a máquina a vapor, chamada de *Spinning Jenny*, relacionada com a indústria têxtil. Aumentou a capacidade e o incremento de produção. Sendo assim, surgiu o trabalho humano mecanizado<sup>40</sup>, que não exigia mão de obra qualificada e deu origem à produção em série. Além de que a máquina a vapor trouxe as indústrias a se concentrarem em um determinado espaço.

Bem depressa, surgiu a cidade industrial, com a atração de emprego. As pessoas foram chegando de lugares menores, e muitas vezes era gente tipicamente agrícola. O amontoamento das pessoas foi inevitável, abarracando-se em grandes edifícios degradados e em situação insalubre, promíscuo e precário. Os empregos que lhes são oferecidos não eram diferentes de suas moradias. As consequências foram: desprovido afetivo de sua origem, massificação social e econômica, decadência cultural, marginalização e uma pobreza sem limites. Surgiram cidades monstruosas, de invenções tecnológicas, de tamanho, mas principalmente de descaso com o ser humano, alastrando-se a pobreza e a marginalização social.

A população das cidades que concentravam indústrias crescia a números geométricos, os centros urbanos ficam saturados, a cidade não estava planejada para receber tanta gente; nasceram os bairros já marginalizados de gente pobre, e, por conseguinte, a urbe se modificou de maneira drástica, transformando a cara da paisagem urbana.

É nessa época que surgiram muitos pensadores, tantos defensores das classes sociais como do livre arbítrio capitalista, de um lado Karl Marx e do outro Adam Smith.

A antiga organização feudal da indústria, circunscrita a corporações fechadas, já não podia satisfazer às necessidades que cresciam com a abertura de novos mercados. A manufatura a substituiu. A pequena burguesia industrial suplantou os mestres das corporações; a divisão do trabalho entre as diferentes corporações desapareceu diante de divisão do trabalho dentro de própria oficina. (...) A grande indústria criou o mercado mundial preparado pela descoberta da América. O mercado mundial acelerou prodigiosamente o desenvolvimento do comércio, da navegação, dos meios de comunicação. Esse desenvolvimento reagiu, por sua vez, sobre a extensão da indústria; e à medida que a indústria, o comércio, a navegação, as vias férreas, se desenvolviam, crescia a burguesia,

---

<sup>40</sup> O trabalho humano mecanizado é aquele onde o trabalhador, por exemplo, em uma fábrica de automóvel, somente parafusaria uma peça em outra, fazendo esse trabalho por horas e horas, dias e dias, meses e meses, como bem é retratado no filme que protagonizou Charles Chaplin, isto é, "Novos Tempos".

multiplicando seus capitais e relegando ao segundo plano as classes legadas pela Idade Média Karl Marx (1848 em e-book<sup>41</sup>)

Para Adam Smith<sup>42</sup>, não eram necessárias intervenções na economia, visto que o próprio mercado dispunha de mecanismos próprios de regulação da mesma: a chamada “mão invisível”, que seria responsável por trazer benefícios para toda a sociedade, defendia a livre concorrência e a lei da oferta e da procura e ainda argumentava que o único que poderia limitar ou condicionar a divisão de trabalho, a qual defendia, era a extensão do mercado, ou seja, se não existisse um mercado suficientemente amplo, seria impossível de se levar o trabalho da forma como foi desenvolvido até a economia capitalista. Para Smith, o Capitalismo somente se propagou porque havia um vasto mercado de procura, que necessitaria ser ofertado.

Resumindo: as cidades-indústria eram urbes tiranas dos meios de produção, e a busca por um solo urbano tornou-se implacável. A violenta apropriação espacial da indústria transformou a estrutura urbana em verdadeiro caos, e ao longo dos anos não se observava nenhuma vantagem para a cidade; pelo contrário: foi-se tornando mais feia, e nada sendo investido na cidade para melhorá-la. Sendo assim Chueca Goitia (2011, p. 199) explica:

Con las factorías y todos sus establecimientos anejos, destacan en la ciudad industrial los llamados barrios obreros construidos por la ineludible necesidad de albergar la mano de obra. En sus principios, estos barrios obreros, que los anglosajones llaman de *slums*, se desarrollan en condiciones verdaderamente ínfimas para la vida humana. Son una de las lacras que más afean a la ciudad industrial, una página verdaderamente siniestra en los anales de la habitación del hombre; la constante pesadilla de filántropos y reformadores sociales. En los diversos países tomaron formas y características diferentes, pero en todos tenía en común una fría y atroz regularidad y una gran densidad en cuanto aprovechamiento del terreno. Con el criterio del más seco utilitarismo, se sacaba el mayor partido del suelo, prescindiendo de espacios libres y patios.

Os *slums* eram carentes de luzes e ventilação, lugares extremamente insalubres, depois, para melhorar a situação do *slums*, foram criados pátios chamados *Dumbell houses*, que eram pequenos pátios intermediários, nada mais que para amenizar a gravidade da vida subumana que a pobre gente levava.

---

<sup>41</sup> Ver em e-book com grande acervo de obras marxistas:<http://marxists.org/espanol/m-e/1840s/48-manif.htm>.

<sup>42</sup> Adam Smith defende o Capitalismo com teorias do Liberalismo Econômico escritas no seu livro "Riqueza das Nações".

Así no era de extrañar que los índices de mortalidad crecieran atterradoramente. En Nueva York el índice de mortalidad infantil, 1810, era de 120 a 145 por cada 1.000 nacimientos; en 1850, llegó a 180; en 1860 a 220; y en 1870 a 260 (CHUECA GOITIA 2011, p. 201).

Sob essa forma catastrófica de vida urbana nas cidades industriais começaram as reivindicações, que, graças a *Trade Unions* ou sindicatos, foram-se regulamentando algumas das mazelas. Assim mesmo também esse estado de calamidade incitou a piedade de algumas personalidades mais sensíveis como Robert Owen, um proprietário de uma indústria têxtil, que tratou seus empregados de forma humana. Empenhou-se junto aos poderes públicos no intuito de melhorar as condições subumanas, regulamentando o trabalho de menores, as jornadas de trabalho, passando o labor para 10,5 horas trabalhadas. Um grande ganho para aquela época, pois o trabalho era escravo: trabalhava-se de 14 a 16 horas nas fábricas. Formou cidades-cooperativa. Ele provou que, com ações mais humanitárias, os empregados produziram mais<sup>43</sup>. Outros também se preocuparam com a qualidade de vida dos empregados da cidade industrial a exemplo de George Cadbury, um fabricante de chocolate, que construiu a cidade Bourneville, com fins industriais e filantrópicos; o mesmo fez Meunier, chocolateiro francês; Lever Brothers, fabricante de sabão construiu um Port Sunlight, uma vila comunitária.

Ainda pesquisando o mecanismo das consequências da industrialização nas cidades, reporte-se ao famoso estudioso desses dos referidos problemas, Ebenezer Howard, que observando as péssimas condições da vida da cidade, publicou um livro em 1898, onde propôs uma alternativa aos problemas urbanos e rurais, chamado de O livro *"To-morrow" (Garden-cities of To-morrow)* na segunda edição, em 1902, onde ele apresentou um diagnóstico dos inchaços das cidades e suas consequências. Ele atribui a grande causa à migração do campo para a cidade (Howard, 1902), descrita no quadro 3.1:

---

<sup>43</sup> Fonte: <http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/socialismo-utopico.htm>



Quadro 3.1 - Vantagens e desvantagens da vida no campo e da vida na cidade

<b>Características da cidade</b>	<b>Características do campo:</b>
Afastamento da Natureza	Falta de vida social
Oportunidades Sociais	Beleza da natureza
Isolamento das multidões	Desemprego
Locais de entretenimento	Terra ociosa
Distância do trabalho	Matas
Altos salários monetários	Bosques, campinas, florestas
Aluguéis e preços altos	Jornada longa/salários baixos
Oportunidades de emprego	Ar fresco – aluguéis baixos
Jornada excessiva de trabalho	Falta de drenagem
Exército de desempregados	Abundância de água
Nevoeiros e seca	Falta de entretenimento
Drenagem custosa	Sol brilhante
Ar pestilento e céu sombrio	Falta de espírito público
Ruas bem iluminadas	Carência de reformas
Cortiços e bares	Casas superlotadas
Edifícios palacianos	Aldeias desertas

Fonte: <http://urbanidades.arq.br/2008/02/as-origens-do-planejamento-urbano/>

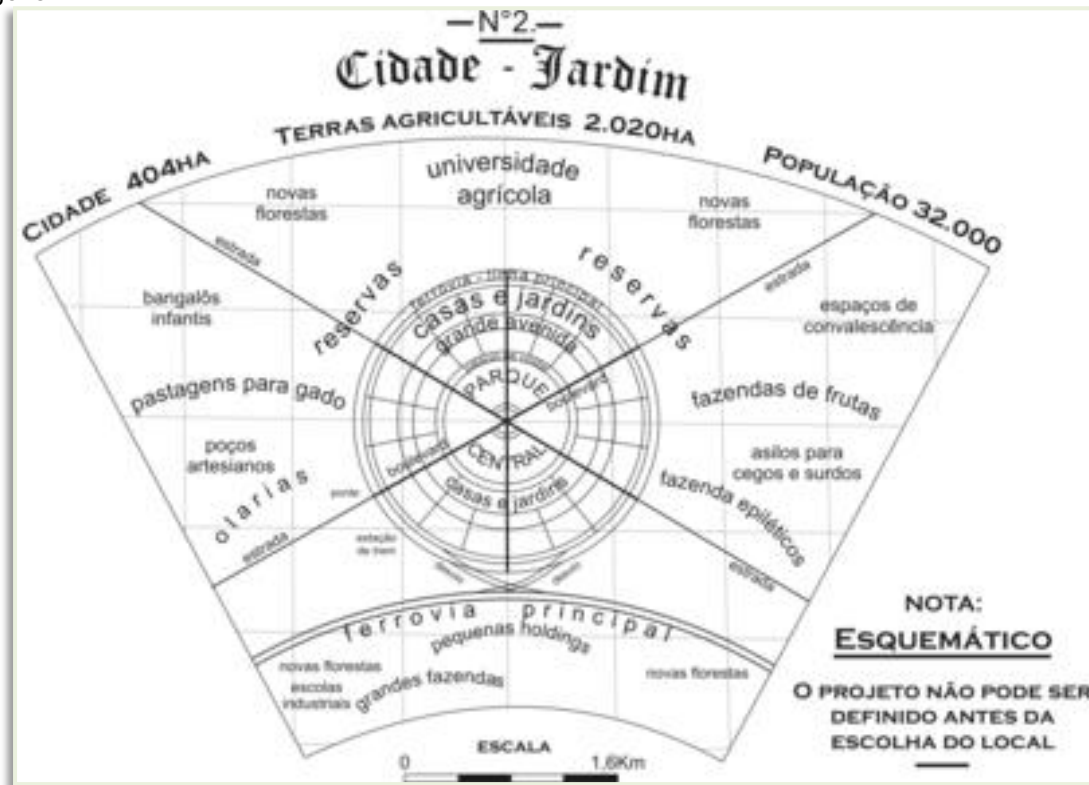
Portanto, a cidade era um espaço importante de sociabilidade, onde as oportunidades aconteciam, contudo paradoxalmente, era onde se encontravam os mais graves problemas sociais, com os espaços de uma insalubridade assustadora. Por outro lado, o campo tinha suas vantagens, como o ar puro, mas não havia emprego.

A solução dos problemas da cidade, segundo Howard, era reconduzir o homem ao campo, através da criação de atrativos – ou “ímãs” – que pudessem contrabalançar as forças encantadoras representadas pela cidade e pelo campo. Ele argumentava que além das vidas urbana e rural, havia uma terceira alternativa, que seria o que ele chamou de Cidade-Campo (Town-Country). Nessa alternativa, os dois imãs fundir-se-iam num só, aproveitando o que havia de melhor em cada um deles, e dessa união nasceria “uma nova esperança, uma nova vida, uma nova civilização” (HOWARD, 1996, p. 110).

O desenho proposto por Howard, chamado de Cidade-jardim, deveria ser construído numa área que compreenderia 400 hectares destinados à cidade propriamente dita, 2400 hectares no total, sendo 2000 hectares destinados às áreas agrícolas. O esquema feito para a cidade assumiria uma estrutura radial, sendo composto por 6 bulevares de 36 metros de largura que cruzariam desde o centro até a periferia, dividindo-a em 6 partes iguais. No centro, seria prevista uma área de aproximadamente 2,2 ha, com um belo jardim, sendo que na sua região periférica

estariam dispostos os edifícios públicos e culturais (teatro, biblioteca, museu, galeria de arte) e o hospital. O restante desse espaço central destinar-se-ia a um parque público de 56 ha com grandes áreas de recreação e fácil acesso, conforme figura 3.3 (HOWARD, 1996, p. 138).

Figura 3.2 - Esquema da Cidade-Jardim – Howard (esta imagem pode ser encontrada no banco de imagens).



Fonte: Diagrama N2 - Cidade-Jardim

<http://urbanidades.arq.br/bancodeimagens/displayimage.php?album=5&pos=2>.

O “Palácio de Cristal” se localizaria ao redor de todo o Parque Central, que se destinaria a abrigar as atividades de comércio e a se constituir num jardim de inverno. Nesse local, poderiam ser comercializadas as mercadorias que requeririam “o prazer de escolher e decidir” (HOWARD, 1996, p. 115). Funcionaria também como um jardim de inverno, onde os habitantes poderiam passear ao abrigo da chuva e contemplar a paisagem. Defronte da Quinta Avenida e ao Palácio de Cristal, existiria um conjunto de casas ocupando lotes amplos e independentes. Mais adiante, estariam os lotes comuns, e assim Howard foi descrevendo seu utópico projeto, todavia perfeito, se adaptado àquelas condições e época.

Ele pensou até no local e quem compraria essas terras. Imaginava que deveria ser um grupo de pessoas, por um preço acessível, comparado às terras

rurais. E quando essas cidades–jardim estivessem saturadas populacionalmente, construir-se-iam outras e outras que seriam ligadas por transportes como os trens e os seus lucros se converteriam em ganhos coletivos.

Todavia, saindo do quimérico e voltando à realidade, as estruturas das cidades industriais eram quadriculares, disposições herdadas dos traçados hipodâmicos, que os gregos utilizaram como forma de racionalismo e depois os romanos por necessidade de colonização. Porém, nas cidades industrializadas esse método seria empregado por razões totalmente adversas às dos gregos e romanos, ou seja, o motivo seria especulação dos terrenos, em virtude do crescimento da cidade.

En siglo XIX el trazado se extiende árido e igual, sin centros dominantes y sin espacios libres. Sólo domina el ansia rapaz de aprovechar todo el terreno al máximo. Las calles son todas iguales, para de esta manera poderse cotizar igualmente. Cuando la repartición del terreno es desigual, es porque domina la función. No debe ser igual el terreno para un sector representativo, para uno comercial o para otro de viviendas. Cuando la repartición es igual, es porque sólo cuenta la pura posesión, indiferente de la función (CHUECA GOITIA, 2011, p. 208 -209).

Portanto, os valores dos terrenos cresciam a valores desproporcionais, surgindo a exploração do solo. A partir de então, a especulação de terrenos só parou por depressões ocasionais, e quando esses períodos acabavam, seguiam outros com os valores do solo mais inflacionário. A força dominante era a do dinheiro; por conseguinte, paralela à cidade industrial se levantava a soberba cidade da burguesia liberal, com desejo de demonstrar o poder e suas luzes; a cidade burguesa expunha suas zonas residenciais com casas elegantes, excelente estrutura, reafirmando sua dignidade, isto é, a ostentação material burguesa era sinônimo de honra.

La ciudad, partida en esta cruel dicotomía, era la mejor imagen de las contradicciones de la burguesía liberal. (...) las cúpulas barrocas, eran algo así, como una honorable prueba de limpieza de sangre. Posiblemente en ninguna época de la historia se construyeron más iglesias góticas que en el siglo XIX (CHUECA GOITIA 2011, p. 212).

A partir daí, as consequências do Capitalismo nas cidades têm sido catastróficas, ratificando as desigualdades socioespaciais, apesar de que algo a cidade têm para proporcionar aos seus habitantes. A seguir analisar-se-ão as cidades transformadas, cidades desiguais.